

Resenhas Literárias de caráter republicano no jornal *O Paiz*: representações das transformações políticas e sociais do final do século XIX

RENATA RODRIGUES DE FREITAS*

Procuramos no presente trabalho discutir as representações dos livros resenhados pelo jornal *O Paiz*, a partir do que acarretaram no espaço cultural do Rio de Janeiro no final do século XIX. Neste contexto, estavam inseridos indivíduos que procuravam fazer parte da *República das letras*, que, no entanto não conseguiam viver apenas da venda dos seus bens simbólicos, ou seja, das obras que produziam. Assim, consideramos o jornal como um espaço de consagração para esses homens que buscavam notoriedade e reconhecimento profissional, já que servia como um meio de divulgação das obras por meio das resenhas dos livros publicados.

O jornal *O Paiz* foi produzido e lido por homens que integraram a geração de 1870 (PESSANHA, 2006:79-80). A autora em sua tese *O Paiz e a Gazeta Nacional - Imprensa Republicana e Abolição – 1884-1888*, ressalta o caráter republicano da imprensa neste período e analisa o jornal *O Paiz* como exemplo de periódico que divulgava os discursos e pontos de tensão em torno de questões como república e abolição. O jornal *O Paiz* contava com a colaboração de homens que integravam a esfera política e intelectual da época, como o liberal republicano Quintino Bocaiúva, Miguel Lemos, Joaquim Nabuco e Silva Jardim. Podemos notar em certa passagem de sua obra, o uso do jornal *O Paiz* como um espaço utilizado por esses intelectuais de modo a divulgarem seus discursos políticos:

O Paiz, produzido por uma intelectualidade da corte, por onde transitavam interesses de todo o império e uma visão mais cosmopolita, foram nomes indicativos dos dilemas, preocupações que envolviam os intelectuais / políticos que estavam a sua frente. O jornal tratava de temas que abrangiam interesses do “país”, eram temas que envolviam a “questão nacional”, próprios da preocupação dos liberais republicanos. (PESSANHA, 2006:80-81)

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ) e bolsista FAPERJ de Mestrado no mesmo Programa.

Conforme podemos perceber nos trechos acima, a importância e necessidade por parte dos homens de letras de fazer uso do jornal como um espaço para debate político e intelectual intenso seja através de seus discursos inflamados sobre a nação ou através da divulgação de resenhas de obras que envolviam essa temática.

O jornal *O Paiz*, fundado no ano de 1884 que teve como proprietário o visconde S. Salvador de Matosinhos e como redator chefe Quintino Bocaiúva. Neste trabalho foram analisados as resenhas e anúncios de livros no mesmo jornal privilegiando os anos de 1889 e 1890, pois se tratou do período no qual ocorreu a Proclamação da República¹. As obras estudadas eram editadas em sua grande maioria pela Tipografia Nacional e vendidas pelas livrarias mais tradicionais localizadas na Rua do Ouvidor, como a Garnier e a Laemmert. Notamos que houve um aumento da tiragem do jornal de 11.000² para 28.500 exemplares e que as obras publicadas ganharam mais espaço no jornal. Inicialmente grande parte das resenhas estavam localizadas em um espaço específico do jornal na seção intitulada “Publicações” que aparecia normalmente na primeira página do periódico. Observamos que a disposição dos anúncios e resenhas alterou-se, ora localizando-se no início do jornal, ora situando-se, também, no final da página, mas ocupando sempre um lugar de destaque.

Assim, se inicialmente não havia por parte dos autores uma preocupação com o caráter formal de resenhas, sendo mais presentes nos periódicos comentários, avisos e formas curtas como meio de dirigir-se ao leitor, nas décadas de 1880 e 1890 as resenhas passam a ter um caráter descritivo acerca das obras divulgadas e ocupam um espaço significativo no jornal com o surgimento de várias seções como as do “Salão de *O Paiz*” e a seção de “Livros Novos”.

Em tais escritos sobre os livros publicados podemos observar um leque de opções para pensar as os vários modos de interação entre os autores (os *homens de letras* que almejavam um lugar no campo literário em formação), os leitores e a sociedade, que nesse período, passou por importantes transformações políticas.

Na medida em que esses homens foram garantindo seu espaço não somente nos

¹ Para autores como Cyro Silva, o jornal *O Paiz* que inicialmente possuía tiragem de 11.000 exemplares “evangelizava” os princípios democráticos e republicanos tornando-se um dos elementos mais eficazes na luta contra a monarquia em prol da forma republicana de governo.

² No ano de fundação de *O PAIZ*, 1884, o jornal possuía tiragem de 11.000 exemplares diários. Já em 1889 a sua tiragem aumentou para 28.500 exemplares diários.

jornais através da publicação de suas obras, mas também nos bares, cafés, livrarias e outros locais, tornou-se possível a construção de uma rede social fundamental para a consolidação desses intelectuais que foram responsáveis pela a formação de uma opinião pública decorrente da reflexão dos “letrados” que visavam propagar civilidade.

Os homens de letras nesse período difundiam por meio da imprensa ideais e debates referentes a diversos temas, produzindo obras ligadas às diferentes concepções e projetos de Nação existentes em um momento de grande efervescência política e que repercutiam em toda a capital. A imprensa nesse período foi o meio de divulgação que os escritores tinham de expressar suas concepções, seus diálogos e polêmicas sobre a opinião republicana.

Como nosso trabalho pensa o livro como objeto cultural e histórico por excelência e como um meio de transmissão de cultura no qual estão em jogo relações de poder é necessário situar essa discussão dentro de uma perspectiva da história política e cultural. Dessa forma, concentramos nossas investigações sobre a análise da questão da recepção dos impressos, bem como dos livros que circulavam no “espaço público” do Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX, levando em conta que ao longo deste século, “a cidade (...) assumiu de forma hegemônica o papel de capital cultural além de ser centro das decisões econômicas e político-administrativas”³. Assim, os escritos que analisamos são considerados tanto como instrumentos de poder – daqueles que detinham o privilégio da escrita – quanto espaços de consagração para os indivíduos que buscavam um *locus* na boa sociedade.

Ao analisarmos as resenhas de livros presentes nestes órgãos da imprensa no final do século XIX, não estamos restritos apenas ao estudo da publicação e da circulação de impressos, mas também das implicações que estes possuíam nas relações de poder estabelecidas no espaço público do Rio de Janeiro da década de 1880, como pudemos observar no fato de em 1889 o jornal *O Paiz* passar a publicar resenhas de obras de caráter republicano, além de alguns dos autores dos livros resenhados ocuparem importantes cargos, como no caso de Alfredo d'Escagnolle Taunay (visconde de Taunay), que teve o seu livro “Visconde de Rio Branco” comentado em uma edição de *O Paiz*.

³ De acordo com a autora Tânia Bessone, ao longo do século XIX a cidade do Rio de Janeiro assumiu de forma hegemônica o papel de capital cultural, além de centro das decisões econômicas e político-administrativas, primeiro como município neutro da Corte e depois como capital federal.

Através das transformações ocorridas nas seções dos jornais dedicadas à divulgação de livros, pudemos notar que o final ano de 1889, por exemplo, houve certa preocupação no comércio de livros que tratavam acerca da temática republicana conforme encontramos em resenha publicada no dia 25 de dezembro de 1889 em *O Paiz*, na qual é divulgada a “Conferência recitada no Club Republicano por Frei Caneca em 13 de outubro de 1889 por D. Maria Amélia de Queiroz. Recife” e em um anúncio de obra do mesmo jornal: “A República Brasileira – descrição minuciosa dos factos occasionados no dia 15 de novembro de 1889, acompanhada dos primeiros actos officiaes do Governo Provisório” (*O Paiz*, 06/08/1890).⁴

Assim, a despeito de nosso objeto de estudo estar ligado aos campos literário e editorial, procuramos levar em conta as relações que os campos de produção possuem uns com os outros⁵; nesse caso podemos notar que as transformações ocorridas no campo político tiveram desdobramentos nas obras pesquisadas.

Ao estudarmos o papel da capital do Rio de Janeiro como um espaço onde se desenvolveu produções intelectuais significativas, devemos analisar a cultura política produzida nesse período na capital carioca relacionada com o esforço de produção de um novo cenário político e intelectual decorrente de transformações políticas e sociais importantes sofridas nesse período na capital como a Abolição da Escravidão e a Proclamação da República.

Não consideramos em nosso trabalho esses fatos históricos como sendo auto-explicativos, ou seja, descartamos a idéia de relação direta entre os acontecimentos políticos da época com o “anseio de modernidade”. Não há dúvida que tais fatos nos auxiliam na compreensão de um “projeto de civilização” existente em fins do século,

⁴ Optamos por manter a grafia original das resenhas.

⁵ Compreendemos este conceito a partir de Pierre Bourdieu que considera que “os campos de produção cultural propõem, aos que neles estão envolvidos, um espaço de possíveis que tende a orientar sua busca definindo o universo de problemas, de referências, de marcas intelectuais (frequentemente constituídas pelos nomes de personagens-guia), de conceitos em “ismo”, em resumo, todo um sistema de coordenadas que é preciso ter em mente – o que não quer dizer consciência – para entrar no jogo. [...] Esse espaço de possíveis é o que faz com que os produtores de uma época sejam ao mesmo tempo situados, datados, e relativamente autônomos em relação às determinações diretas do ambiente econômico e social [...]”

mas o que procuramos analisar e entender é a importância que esses intelectuais tiveram na construção de uma cultura política (RODRIGUES, 2008:215-216) e na formação de uma opinião pública.

Notamos também que para além da importância política, o Rio de Janeiro, enquanto cidade cosmopolita, torna-se referência justamente por servir de palco para grandes manifestações e movimentos políticos e culturais importantes ocorridos em praça pública e que eram divulgados nos jornais da época. O historiador Antônio Edmilson Martins Rodrigues ilustra e analisa essas idéias conforme podemos ver no trecho a seguir:

O Rio de Janeiro era uma cidade das ruas, na qual a cultura política popular estava envolvida com o cotidiano da experiência urbana daqueles que a habitavam. (...) As praças eram os lugares de afirmação do debate e de aumento da importância da imprensa. Bastava estar nas ruas para entrar no debate e intervir opiniões. (...) Mesmo analfabetos em sua grande maioria, os habitantes da cidade recebiam as informações, acentuando a formação de uma esfera pública em que não havia bestializados. (RODRIGUES, 2008:216)

Conforme podemos notar nos trechos citados acima o autor procura analisar a cultura política atentando para o caráter republicano decorrente do cotidiano cultural, das experiências urbanas e não necessariamente como produto de fatores político-institucionais.

Portanto ao analisarmos a conjuntura da cidade do Rio de Janeiro em finais do século XIX, notamos que neste espaço público ocorreram transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que corroboraram na construção de um espaço cultural significativo e propício para os homens de letras que almejavam seu espaço na *república das letras*. Antônio Edmilson, se referindo ao Rio de Janeiro nos últimos anos do Império, considera que:

A cidade real moderna (...) apresenta-se como um lugar intelectual, é uma cidade-conhecimento, pois através dela é possível reler o Brasil e tomar consciência do moderno. Por isso, sua modernidade não pode ser de fachada. A fundamentação das novas experiências representa o novo tempo moderno e é por essa qualidade moderna do Rio de Janeiro que a cidade é vista como a nação. (RODRIGUES, 2008:216-217)

Em sua obra “Boemia Literária e Revolução” Robert Darnton analisa a pesquisa de Daniel Mornet acerca dos catálogos das bibliotecas particulares, que em sua maioria haviam sido impressas para a venda em leilões nos arredores de Paris no século XVIII (DARNTON, 1996:168-169). Mornet constatou em seu trabalho que os livros de autores considerados clássicos do Iluminismo não estavam presentes nestas bibliotecas. Darnton observou uma série de objeções à teoria de Mornet, contudo, algumas questões levantadas por este autor tornaram-se relevantes às pesquisas posteriores acerca da História do livro. Em relação ao nosso trabalho sobre as resenhas de obras publicadas em jornais na cidade do Rio de Janeiro no século XIX, uma pergunta levantada por Mornet que nos cabe destacar é: “o que liam esses homens?”. Tal questão é importante, pois diz respeito ao nosso objeto de trabalho que são os comentários dos livros nesse período. Portanto, pretendemos discutir não apenas o que liam, mas também “como liam esses homens?”, ou seja, quais dispositivos de leitura (CHARTIER, 1996: 234) estão presentes nas fontes encontradas.

Entre as resenhas pesquisadas observamos que grande parte possuía um caráter literário, científico e jurídico. Diversos anúncios e resenhas destas obras procuravam divulgá-las utilizando-se de uma linguagem bem simples e didática recorrendo muitas vezes a gravuras e símbolos com o intuito de divulgar leituras e assim atrair um público leitor significativo.

Assim, percebemos que o interesse era a divulgação das leituras que tratavam de livros, principalmente dos que publicizavam preocupações com o ideal de progresso e de civilização posto que tanto “a imprensa, como as elites intelectuais, foram bastante influenciadas por um conjunto de idéias em vigor no período, como o liberalismo e o positivismo”. (BARBOSA, 2000:114)

Destarte, partimos do pressuposto que a maior parte das obras resenhadas possui

um caráter didático (manuais, almanaques, guias de viajantes, relatórios, gramáticas entre outros) e que o critério de avaliação por parte dos redatores das resenhas está baseado mais na “utilidade” que aquela obra pode vir a ter do que em critérios literários/estéticos. Assim, a expectativa do jornal em relação aos seus leitores é de que eles consumam publicações de caráter “utilitário”, conforme podemos notar nos dois trechos retirados de uma das resenhas:

Almanack do Commercio do Rio de Janeiro – publicação trimensal, que tem em vista concorrer para o bom andamento commercial, registrando as alterações que ocorrem durante o anno e prestando as informações úteis e indicações que taes obras costumam conter.

(*O Paiz*, 27 de fevereiro de 1889).

Acaba de sair à luz e acha-se a venda o Manual das Jovens mãis ou Higyene da gravidez do parto e da primeira infância pelo Dr. João José de Santana. Este livro vem preencher uma verdadeira lacuna. O ilustre autor, escrevendo em linguagem accessível a todas as classes, reuniu um volume todos os preceitos que convem saber os jovens.

(*O Paiz*, 10/07/1890).

Podemos perceber nas citações acima que o desejo por parte dos autores das resenhas era de tornar pedagógica a “vulgarização” de obras que por conter uma linguagem simples atingiriam um público bastante significativo.

É fundamental atentarmos para o fato de que mesmo com o predomínio de uma linguagem acessível ao grande público, muitas das resenhas e anúncios analisadas deixavam claro que algumas obras eram destinadas a um grupo específico de leitores (BESSONE, 1999:96), possuindo assim uma linguagem mais rebuscada principalmente quando se tratavam de títulos de direito e medicina.

Os anúncios sobre a publicação de impressos – diferentemente das resenhas – apresentavam tanto um aspecto informativo quanto comercial e tinham lugar nas últimas páginas do jornal, em sua maioria, dando informações sobre as obras publicadas ou aquelas que se encontravam à venda em determinado local – os principais livreiros e outros locais que se dedicavam, com frequência, também a outros ramos dos negócios. Tanto os anúncios quanto as resenhas destas obras procuravam divulgá-las utilizando-se

de uma linguagem bem simples e didática, recorrendo muitas vezes a gravuras e símbolos com o intuito de divulgar leituras e assim atrair um público leitor significativo.

A partir da análise de anúncios e resenhas de livros publicadas no jornal *O Paiz*, do ano de 1889, foi possível encontrar a recepção inscrita nessas representações. Sabemos que nesse momento apenas uma pequena parte da população do Rio de Janeiro era alfabetizada o que nos leva a acreditar que a leitura era um fator de distinção econômico e social. Contudo, podemos inferir também que se tratava de um elemento de diferenciação cultural e, a partir da nossa análise, até mesmo profissional. Diversas resenhas analisavam livros voltados para um público específico já que tais publicações eram destinadas a diferentes categorias de profissionais como comerciantes, advogados e médicos. Tal análise nos leva a questionar a ideia de que a leitura está vinculada a uma determinada classe social, quando na verdade o que vemos é a existência de publicações pautadas em outros critérios que não apenas o econômico, conforme podemos notar em alguns fragmentos das resenhas publicadas:

Tratamento Específico da Febre Amarela pelo Sulphol, por Guilherme Peixoto, doutor em medicina. É um opúsculo digno de ser lido e de onde se pode tirar vantagens no sentido de se modificar o tratamento da terrível febre.

(*O Paiz*, 19 de fevereiro de 1889).

Podemos perceber no trecho acima que as resenhas possuem um caráter técnico e utilitário e tratam de obras destinadas a um público profissional específico. A obra em questão é destinada à profissionais da área médica, onde estes podem “tirar vantagens” das informações úteis que a obra possui.

Desse modo, os escritos analisados podem ser compreendidos como representações dos projetos culturais e políticos em jogo no período que sucedeu à Proclamação da República, sendo o jornal um espaço no qual tais aspirações poderiam se manifestar. No artigo Liberdade de Imprensa, publicado em *O Paiz* no dia 9 de agosto de 1890, observamos as referências e o papel que o periódico considerava ser o da imprensa nesse período, ao afirmar que:

Em outros países, os governos que negaram liberdade à imprensa foram vítimas de artifícios pelos quaes ella sempre sabe escapar dos perseguidores. Na Inglaterra, na Bélgica, Nos EUA e em toda a parte em que a imprensa é livre, os governos exercem com glória e respeito público as suas funções.

(*O Paiz*, 9 de agosto de 1890).

Assim, podemos notar que o aumento das resenhas ligadas a publicações de caráter republicano está relacionada ao posicionamento do jornal nesse período. Contudo este projeto não se esgota na esfera político-institucional posto que ele também estava relacionado à noção de progresso, observada nas resenhas de publicações de obras de cunho técnico-científico. Portanto, as resenhas analisadas podem ser um objeto de estudo privilegiado no que diz respeito às preocupações dos editores do jornal, além de permitir problematizar as expectativas que esses tinham em relação aos seus leitores.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, M. *Donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vícios de Leitura, 2000.
- BERGER, Paulo. *A tipografia no Rio de Janeiro – 1808-1900*. Rio de Janeiro: Companhia Industrial de Papel Pirahy, 1984.
- BESSONE, Tânia Maria. *Palácio de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- _____. *Lectures et lecteurs dans la France d’Ancien Régime*. Paris: Seuil, 1982.
- _____. *Espacio público, crítica y desacralización en siglo XVIII. Los orígenes de la Revolución francesa*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995.
- _____. *Culture écrite et société. L’Ordre des livres (XIV^e-XVIII^e siècle)*. Paris: Albin Michel, 1996.
- _____. *Au bord de la falaise. L’histoire entre certitudes et inquiétude*. Paris: Albin Michel, 1998.
- _____. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1999.
- CHARTIER, Roger & ROCHE, Daniel. Le livre: um changement de perspective. In: J. Le Goff & P. Nora (dir.). *Faire de l’histoire: nouveaux objects*. Paris: Gallimard, 1974.
- CHARTIER, Roger & Martin, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l’édition française. Le*

- temps des éditeurs (1830-1900)*. Paris: Fayard/Cercle de la Librairie, 1990.
- DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (orgs.). *Revolução impressa. A Imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizacional: investigações sociogenéticas e psicogenéticas*. Lisboa: Dom Quixote, 1989. 2 v.
- MOREL, Marco. *As Transformações dos Espaços Públicos: Imprensa. Atores Políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1985.
- RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. *Livros e leituras no século XIX. Revista de História das idéias*. Coimbra, 20: 187-228, 1999.
- RODRIGUES, Antônio Edmilson . “*Cultura política na passagem brasileira do século XIX ao século XX*. In: Mônica Leite Lessa; Silvia Carla Pereira de Brito Fonseca.. (Org.). *Entre a monarquia e a república. Imprensa, pensamento político e historiografia (1822 - 1889)*. 1 ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.
- SILVA, Cyro. *Quintino Bocaiúva: O Patriarca da Republica*. Brasília: Ed. UNB, 1983.
- PESSANHA, Andrea Santos da Silva. *O Paiz e a Gazeta Nacional: Imprensa republicana e abolição*. Rio de Janeiro. 1884- 1888.